FLORESTA NACIONAL DE SILVÂNIA

ENCANTO, BELEZA E PROTEÇÃO

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
Presidente
MICHEL TEMER

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
Ministro
EDSON DUARTE

SECRETARIA EXECUTIVA
Secretário-Executivo
ROMEU MENDES DO CARMO

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
Presidente
PAULO HENRIQUE MAROSTEGAN E CARNEIRO

FLORESTA NACIONAL DE SILVÂNIA

ENCANTO, BELEZA E PROTEÇÃO

Cegraf
UFG
Goiânia, GO
2018

© 2018 Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio.
Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citados a fonte do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade ou sítio da Internet no qual pode ser encontrado o original em:
http://www.icmbio.gov.br/portal/publicacoes

Organizadora
Flávia Pereira Lima

Autores
Flávia Pereira Lima
Paulo Ribeiro
Alessandro Ribeiro de Morais
Poliana Mendes
Luciana Signorelli
Ricardo Ribeiro da Silva
Mariana Nascimento Siqueira
Thiago Bernardi
Andrelisa Santos de Jesus
Renato Cézar de Miranda
Rogério Pereira Bastos

Revisão
Maria Freire Alves

Projeto Gráfico
e-Magine Design Gráfico

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação - CIP

F634 Floresta Nacional de Silvânia : encanto, beleza e proteção / Flávia Pereira Lima... [et al.] ; revisão Maria Freire Alves. - Goiânia : Gráfica UFG : UFG, 2017.
59 p. : il.

ISBN: 978-85-495-0170-7

1. Florestas - Conservação - Silvânia (GO). 2. Plantas florestais - Silvânia (GO). 3. Animais dos cerrados - Silvânia (GO). 4. Floresta Nacional de Silvânia (GO). I. Lima, Flávia Pereira. II. Alves, Maria Freire.

CDU: 630*1:502.1(817.3)

Elaborada por Lídia Alice Lemos Gama - CR-1/1000

SUMÁRIO

UMA FLORESTA ENCANTADORA 5
UMA HISTÓRIA COM MUITOS NOMES 8
UMA FLORESTA SUSTENTÁVEL 11
A FLONA EM SEU LUGAR 14
UMA FLORESTA QUE PROTEGE O CERRADO 16
UM REFÚGIO PARA A BIODIVERSIDADE 20
AS PLANTAS DA FLONA DE SILVÂNIA 21
OS PEIXES DA FLONA DE SILVÂNIA 25
OS ANFÍBIOS DA FLONA DE SILVÂNIA 29
OS RÉPTEIS DA FLONA DE SILVÂNIA 33
AS AVES DA FLONA DE SILVÂNIA 37
OS MAMÍFEROS DA FLONA DE SILVÂNIA 41
PROTEGENDO A BIODIVERSIDADE, PROTEGENDO A VIDA 47

Apresentação

A biodiversidade e o meio ambiente são bens difusos da nação e não pertencem a um único indivíduo ou grupo de pessoas. Assim, são bens de todos nós, particularmente daqueles que se beneficiam direta ou indiretamente deles. É prerrogativa de todos cuidar e zelar para que tenhamos um meio ambiente saudável, que assegure o pleno desenvolvimento e bem-estar humano.

A Floresta Nacional de Silvânia tem o papel fundamental de garantir a conservação da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos. Está localizada numa região economicamente desenvolvida e voltada para atividades agropecuárias. Então, é necessário equacionar o uso racional do solo e da água com a conservação e o manejo do meio ambiente. Dentro disso, o conhecimento da biodiversidade da região é de grande importância para estabelecer parâmetros de integridade ambiental, para valorar os serviços ecossistêmicos e para informar a população dos benefícios proporcionados pela biodiversidade.

Este belíssimo livro traz informações sobre plantas e animais da Flona de Silvânia e contextualiza a biodiversidade no panorama ambiental do município. Ele é fruto de mais de 20 anos de pesquisas científicas e de atividades de extensão promovidas pela Flona e por instituições de ensino Estadual e Federal. As pesquisas realizadas na Flona, além de gerarem conhecimento, vêm auxiliando na gestão dessa unidade de conservação. Agora culminam com a publicação deste livro que permitirá aos moradores da região compreenderem a contribuição da Flona de Silvânia para a conservação da biodiversidade brasileira.

Rosane Garcia Collevatti
Professora, Instituto de Ciências Biológicas, UFG
Coordenadora do PELD - Flona Silvânia

Uma floresta encantadora

Histórias de princesas, bruxos e dragões se passam num reino de magia onde há florestas encantadas. Algumas são belas e floridas, outras terrivelmente assustadoras. Nestas, que a gente arrepia só de ver, quase ninguém se atreve a entrar e, quando faz isto, é aventura na certa.

No mundo real também há florestas, mas sem magia! São florestas encantadoras, cheias de vida, cheias de história. Na verdade, precisamos conhecê-las melhor, saber onde estão, que plantas e animais vivem nelas. É por isso que estamos aqui: para convidar você a entrar na **Floresta Nacional de Silvânia**. Neste passeio não haverá criaturas míticas, mas lhe garantimos uma boa dose de aventura e conhecimento.



O convite está feito. Basta continuar conosco neste livro. Como em dia de passeio a gente capricha no visual, que tal você se aprontar para esta leitura-passeio? O livro é sobre uma floresta real, mas um pouquinho de imaginação não faz mal nenhum:

- vista uma roupa confortável: as caminhadas serão longas;
- tenha água perto de você, pois manter-se hidratado é fundamental para a saúde;
- tente imaginar como são os ambientes e o passeio ficará muito mais interessante;
- encante-se com as espécies e descubra que há diversas plantas e animais ainda pouco conhecidos;
- se bater aquela curiosidade, não deixe de pesquisar. Vamos indicar diversos sites para você aprender mais.

Estamos superempolgados com sua companhia. Gostamos muito de contar para as pessoas as curiosidades dos bichos e plantas brasileiros. Tem tanta coisa legal! E temos certeza que depois da leitura deste livro, você vai olhar uma floresta de maneira diferente. Quando aprendemos mais sobre esse assunto começamos a entender até o que é invisível.









Floresta Nacional de Silvânia





Fotos: Acervo Flona de Silvânia

UMA HISTÓRIA COM MUITOS NOMES

Na década de 1940, moradores de Silvânia, Goiás, já discutiam a conservação da natureza. Numa época em que não havia televisão, muito menos celular e internet, dá até para imaginar as pessoas se reunindo num belo casarão no centro da cidade para conversar e decidir sobre a melhor área a ser protegida.

Não sabemos como foram as conversas, mas os moradores conseguiram, em 1949, transformar uma parte da **Fazenda Marinho** em **Horto Florestal de Silvânia**. Em 1967, o Horto passou a se chamar **Estação Florestal de Experimentação** (EFLEX), onde se realizavam pesquisas com diversas espécies de plantas.

Somente em 2001 a EFLEX passou a se chamar **Floresta Nacional de Silvânia**. Essa mudança foi muito mais do que uma troca de nome: o antigo Horto se tornou uma unidade de conservação do nosso país. Também trouxe novos desafios, pois a área deveria promover conservação da biodiversidade, educação ambiental, mais pesquisas científicas e desenvolvimento de tecnologias. A abreviação de Floresta Nacional é Flona, por isso essa floresta encantadora é conhecida também como Flona de Silvânia.

Supercuriosidade: você pode ler o texto de criação do Horto Florestal de Silvânia na internet. Basta buscar por "lei número 612 de 13 de janeiro de 1949". À época, o governo liberou mais de quinhentos mil cruzeiros para custear as despesas da instalação do horto. Talvez você nunca tenha ouvido falar sobre essa moeda.



UMA FLORESTA SUSTENTÁVEL

No Brasil há diversas áreas da natureza protegidas por lei, as chamadas **unidades de conservação**. Por exemplo: Parque Nacional das Emas, Parque Nacional Chapada dos Veadeiros, Parque Estadual dos Pireneus, Parque Estadual da Serra Dourada. Todas essas áreas são unidades de conservação de Goiás e há muitas outras. É importante saber que, nas unidades de conservação, grande parte da biodiversidade e das paisagens naturais brasileiras está protegida.

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) foi instituído por uma lei federal do ano de 2000 que estabelece as normas de criação e gestão das unidades de conservação brasileiras. De acordo com o SNUC, existem dois tipos de unidade de conservação:

- de proteção integral, como os Parques Nacionais, cujo objetivo é preservar a natureza, sendo admitidas atividades de pesquisa científica e turismo em alguns casos;
- de uso sustentável, como as Florestas Nacionais, cujo objetivo é preservar a natureza com a possibilidade de utilizar parte dos recursos naturais. É permitido, além de pesquisa científica e turismo, o uso sustentável de seus recursos florestais.



A Floresta Nacional de Silvânia é uma unidade de conservação de uso sustentável e, além de conservar o bioma Cerrado, na Flona de Silvânia ocorrem atividades educativas e culturais, por exemplo: visitas de estudantes, cursos, palestras, cavalgadas ecológicas e passeios ciclísticos. Essas atividades de educação ambiental permitem às pessoas entrarem em contato com a natureza e aprenderem mais sobre o Cerrado. E não podemos nos esquecer das diversas pesquisas científicas realizadas por cientistas de muitas universidades brasileiras, tais como: a UFG (Universidade Federal de Goiás), UEG (Universidade Estadual de Goiás) e UnB (Universidade de Brasília). Por causa dessas pesquisas científicas conhecemos atualmente a biodiversidade da Flona de Silvânia e, então, podemos apresentá-la a você.

Para saber mais

No site da SECIMA (Secretaria de Meio Ambiente de Goiás) você tem informações detalhadas sobre as unidades de conservação de Goiás. Acesse www.secima.go.gov.br → Meio Ambiente → Unidades de Conservação.

De olho na Flona

O site do ICMBio traz mais informações sobre a Flona de Silvânia e um mapa interativo.
Acesse: www.icmbio.gov.br → Biodiversidade → Unidades de Conservação





Atividades de educação ambiental e cursos realizados na Flona de Silvânia





A FLONA EM SEU LUGAR

No mapa da página ao lado você verá a localização geográfica da Flona. Ela fica na região Centro-Oeste do Brasil, no estado de Goiás, município de Silvânia. A seguir há um mapa colorido, no qual vemos o contorno da Flona (que lembra um coração) e os cursos d'água da região, a chamada rede de drenagem. Ao sul da Flona está o ribeirão Vermelho, que corta todo o município de Silvânia e, ao norte, estão os córregos Estiva e Marinho, que deságuam no ribeirão Vermelho. Aliás, as fronteiras da Flona são quase todas delimitadas por córregos.

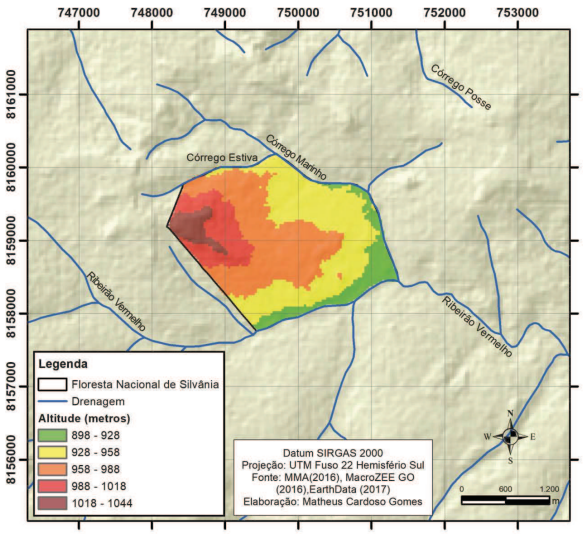
Esse mapa está colorido não somente para ficar bonito! Ele nos informa sobre as diferentes altitudes na Flona. Só para relembrar: a altitude é a distância vertical medida entre determinado ponto e o nível médio do mar. Cidades com praia, como o Rio de Janeiro, estão muito próximas do nível do mar, por isso, as altitudes médias são baixas. Silvânia tem altitude máxima de 1.112 m e mínima de 735 m. A Floresta Nacional de Silvânia possui altitude máxima de 1.043 m (área marrom do mapa) e mínima de 898 m (área verde do mapa). Sendo assim, se você cruzar a Flona de leste para oeste vai subir 145 m - o equivalente a um prédio de 48 andares. E mais, se você levar um termômetro pode até notar a diminuição de temperatura, pois, quando a altitude aumenta em 100 m, a temperatura ambiente pode diminuir, aproximadamente, 1 grau Celsius.







Mapas Flona



UMA FLORESTA QUE PROTEGE O CERRADO

Vamos fazer um exercício de observação: procure uma janela e observe a paisagem. O que você vê? Casas, ruas, plantas, floresta... Se você está em Goiás, uma coisa podemos afirmar: você acabou de observar uma paisagem do bioma Cerrado. Mesmo em uma cidade, você está no bioma Cerrado, numa área modificada pelas pessoas.

Para ficar bem entendido: um bioma é uma porção do ambiente que abriga um conjunto específico de plantas, animais, fungos, entre tantos seres vivos. No Brasil há seis biomas: Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal e o Cerrado.

Uma característica marcante do Cerrado é sua biodiversidade: nele vivem milhares de espécies de seres vivos! Há mais de 11.000 espécies de plantas, entre elas o pequizeiro (*Caryocar brasiliense*), o ipê-amarelo (*Tabebuia aurea*), o baru (*Dipteryx alata*), o buriti (*Mauritia flexuosa*) e o murici (*Byrsonima verbascifolia*), isto só para citar cinco espécies. O Cerrado é a savana mais rica do mundo em espécies.

Um dos motivos dessa riqueza é a diversidade de ambientes. O Cerrado é um bioma formado por diferentes tipos de vegetação, as fitofisionomias (**fito** significa planta ou vegetação e **fisionomia** se refere ao aspecto). Desse modo, na mesma paisagem do bioma Cerrado você pode ver campos, árvores tortuosas e árvores grandes nas matas.

A Flona de Silvânia, com seus 466 hectares, protege uma porção do bioma Cerrado. Nela também há diversas fitofisionomias que abrigam uma infinidade de seres vivos. Num passeio pela Flona, você verá:

- **Campo sujo** - regiões com gramíneas, arbustos e árvores bem distantes uns dos outros.
- **Cerrado sentido restrito** - a vegetação é formada por arbustos e árvores tortuosos e de casca grossa. As árvores podem chegar a 8 m. Esta é a fitofisionomia mais comum do bioma Cerrado e também da Flona de Silvânia.
  - **Veredas** - são vistas de longe, pois se destacam na paisagem pelo agrupamento de palmeiras de buriti. São regiões úmidas e também há arbustos e árvores.
  - **Cerradão** - é uma floresta de árvores altas que podem atingir 15 m de altura. Há muitas espécies de plantas do cerrado sentido restrito.
- **Mata seca** - são florestas onde não há cursos d'água. As plantas perdem suas folhas no período da seca. As árvores podem chegar a 20 m de altura.
  - **Mata de galeria** - são florestas que acompanham pequenos rios e córregos. A copa das árvores forma um túnel que faz sombra no leito dos cursos d'água. Nessa mata, as árvores podem atingir 30 m de altura.

Curiosidade top

Recebem o nome de savanas as regiões planas recobertas por gramíneas e árvores esparsas. O Cerrado é um tipo de savana, assim como as famosas savanas africanas, onde vivem leões, girafas e zebras.

Cerradão



Mata de galeria



Fotos: Júlia Tassinari Severo



Cerrado sentido restrito



Campo sujo

Fotos: Júlia Tassinari Severo



Mata seca

Para saber mais

Aqui no livro você vai encontrar alguns nomes diferentes, às vezes de difícil leitura. São os nomes científicos, pelos quais as espécies de seres vivos são conhecidas no mundo todo. Um nome científico é sempre composto: o primeiro nome é escrito em letra maiúscula e o segundo em minúscula. Eles são bem diferentes, pois são escritos em latim ou de forma latinizada. Com o tempo a gente se acostuma e dá até para tirar onda de cientista!

UM REFÚGIO PARA A BIODIVERSIDADE

Há milhares de anos, nós, seres humanos, transformamos a natureza: áreas naturais são convertidas em cidades, estradas, plantações e pastagens. Para você ter uma ideia, cerca de 50% do Cerrado já foi modificado pela ação humana. A Flona de Silvânia, que se tornou uma ilha de vegetação nativa cercada por lavouras e pastagens, é refúgio seguro para animais silvestres.

Há mais de 20 anos pesquisas científicas são realizadas na Flona, que se tornou um verdadeiro laboratório natural utilizado por estudantes das escolas e das universidades. As pesquisas, além de gerarem conhecimento, ajudam na gestão dessa unidade de conservação. Um exemplo foi o fechamento da estrada que cortava a Flona. Os cientistas constataram que o tráfego de automóveis gerava muita perturbação, causando até a morte de animais. Ficou provado que os benefícios da estrada eram menores do que o impacto na fauna. Agora os animais podem transitar por lá com toda a segurança!

Neste livro compartilhamos os resultados das pesquisas sobre a biodiversidade da nossa Flona encantadora. Nas próximas páginas você encontrará informações sobre plantas, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. Garantimos que vai se surpreender com a riqueza da nossa biodiversidade!

AS PLANTAS DA FLONA DE SILVÂNIA

Quem visita a Flona logo se encanta com a beleza da vegetação: são tantas árvores bonitas com flores de diversas cores!

A variedade que os nossos olhos percebem já foi registrada em números: os cientistas catalogaram 141 espécies de plantas vasculares e 17 de plantas avasculares. Para ficar bem entendido: as plantas vasculares são aquelas que possuem os vasos condutores de água e de seiva, como as árvores, as gramíneas e as samambaias. Já as plantas avasculares, conhecidas como briófitas ou musgos, não possuem vasos condutores. São plantas bem pequenas encontradas em áreas úmidas. Elas não produzem flores, frutos e nem sementes.

No Cerrado foram registradas mais de 13.000 espécies de plantas. Esse número surpreendente demonstra a riqueza da flora do Cerrado. E tem mais: cerca de 40% das espécies são endêmicas, ou seja, ocorrem no Cerrado e em nenhum outro lugar do mundo.

A fruta do lobo

Planta comum no Cerrado, a lobeira, ***Solanum lycocarpum***, floresce o ano inteiro. Com suas flores roxas atrai as abelhas, insetos que a polinizam.

Outro animal fã dessa planta é o lobo-guará, tanto que ***lycocarpum*** significa "fruta do lobo". Além de ser uma boa refeição, o fruto da lobeira atua como vermífugo e ajuda o lobo a se manter mais saudável.



Solanum lycocarpum

Foto: Júlia Tassinari Severo
Altura: até 4 m
Polinizadores: abelhas



Stryphnodendron adstringens

Foto: Júlia Tassinari Severo
Altura: até 5 m
Polinizadores: abelhas

Um remédio natural

O barbatimão, ***Stryphnodendron adstringens***, é uma daquelas plantas consideradas um santo remédio! Na medicina popular, é usada para tratar diarreias, hemorragias, úlceras, cicatrizar feridas etc. Estudos científicos comprovaram que essa espécie possui ação antimicrobiana, antisséptica, anti-inflamatória e cicatrizante, mas são necessárias mais pesquisas para entender como os compostos atuam no corpo humano.

Os indígenas chamam o barbatimão de ***ibatimó***, que significa "árvore que aperta". Não pense que ele sai abraçando por aí! Isso tem a ver com a propriedade adstringente dessa planta, pois ela é capaz de fazer comprimir. Se você já comeu banana ou caju verdes, já sentiu a propriedade adstringente dessas frutas.



Caryocar brasiliense

Foto: Ricardo Ribeiro da Silva
Altura: até 10 m
Polinizadores: morcegos

O ouro do Cerrado

Se há uma planta admirada no Cerrado é o pequizeiro, ***Caryocar brasiliense***. Essa árvore frondosa produz o pequi, fruto muito apreciado na culinária goiana. O nome pequi se originou na língua tupi e significa "pele espinhenta". Quem come pequi bem sabe que, debaixo da polpa amarela, há uma coroa de minúsculos espinhos envolvendo a semente.

E o que os morcegos têm a ver com pequi? Tudo! Os morcegos, principalmente da espécie ***Glossophaga soricina***, são os polinizadores do pequi. Em outras palavras, sem morcego nada de pequi no pé e nem na panela.



Dicksonia sellowiana

Foto: Júlia Tassinari Severo
Altura: até 6 m
Polinizadores: não possui, pois é uma planta sem flores

Uma samambaia gigante

As samambaias são plantas muito utilizadas para enfeitar os ambientes, mas não daria para ter uma samambaia-açu, ***Dicksonia sellowiana***, na varanda de casa, pois ela pode chegar a 6 m de altura.

A samambaia-açu, também conhecida como xaxim, é muito comum nas florestas da Mata Atlântica. Também pode ser encontrada nas matas de galeria do Cerrado, tanto que existe na Flona. No passado foi muito utilizada na produção de xaxim, um substrato para cultivar plantas ou para fazer vasos de jardinagem. A exploração foi tanta que ela se tornou uma espécie ameaçada de extinção. Hoje a sua comercialização é proibida.

Espécies de Plantas da Flona

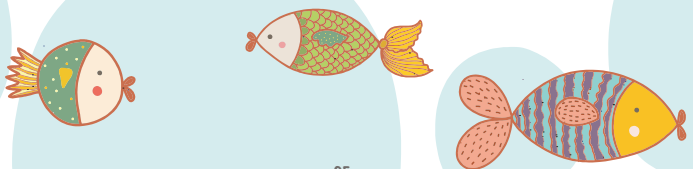
* espécies endêmicas do Cerrado.

NOME CIENTIFICO	NOME POPULAR
Anacardium occidentale	cajuzinho-do-cerrado
Anadenanthera peregrina	angico-branco
Ananas ananassoides	ananás
Annona crassiflora	araticum
Aspidosperma tomentosum	peroba
Baccharis dracunculifolia	alecrim-do-campo
Bauhinia rufa	pata-de-vaca
Brosimum gaudichaudii	mama-cadela
Byrsonima coccolobifolia	murici-rosa
Campomanesia adamantium	gabiroba
Caryocar brasiliense	pequi
Ceiba speciosa	paineira
Copaifera langsdorffii	pau-d'óleo
Curatella americana	lixeira
Dicksonia sellowiana	samambaia-açu
Dipteryx alata	baru
Hancornia speciosa	mangaba
Handroanthus ochraceus	ipê-amarelo
Hymenaea stigonocarpa	jatobá-do-cerrado
*Kielmeyera speciosa**	pau-santo
Mauritia flexuosa	buriti
Palicourea rigida	bate-caixa
Piper aduncum	pimenta-de-macaco
Protium heptaphyllum	breu
Psidium pohlianum	araçá
Qualea grandiflora	pau-terra
Roupala montana	carne-de-vaca
Rudgea viburnoides	congonha-de-bugre
Salvertia convallariodora	chapéu-de-couro
Solanum lycocarpum	lobeira
Stryphnodendron adstringens	barbatimão
Terminalia argentea	capitão-do-mato
Tocoyena formosa	jenipapo-de-cavalo
Xylopia aromatica	pimenta-de-macaco
Zanthoxylum rhoifolium	maminha-de-porca

OS PEIXES DA FLONA DE SILVÂNIA

A Flona é delimitada por dois córregos, o Estiva e o Marinho, e pelo rio Vermelho (confira a localização no mapa, página 13). E se tem água, pode apostar que tem peixe. Os cientistas já encontraram 14 espécies de peixes nativos nesses cursos d'água.

A Flona tem grande importância na manutenção da água da região. Por ser uma área de Cerrado preservada, permite a penetração da água da chuva e o abastecimento dos aquíferos. Os córregos Estiva e Marinho têm suas nascentes bem pertinho da Flona.





Aspidoras fuscoguttatus

Foto: Juan Felipe
Tamanho: 3,8 cm

Respirando fora d'água

Alguns peixes conseguem respirar o ar atmosférico, como os peixes da família dos tamoatás e coridoras. Um exemplo é o ***Aspidoras fuscoguttatus***, cujo intestino modificado é capaz de absorver o oxigênio do ar. Quando ele sobe à superfície e abocanha o ar, de fato está respirando.

As nadadeiras peitorais, que ficam ao lado do corpo, possuem um par de poderosos espinhos, armados quando se sente ameaçado. O peixe é pequeno, mas os espinhos são tão fortes que podem perfurar a nossa pele.

Uma lindeza de peixinho

Em uma loja de aquário, o lebiste, ***Poecilia reticulata***, é figurinha carimbada! Os machos são menores do que as fêmeas e possuem caudas muito coloridas. Esse peixe ornamental é originário da América Central, mas foi introduzido em diversos países do mundo, causando problemas ao prejudicar os peixes nativos. Alimenta-se de algas que crescem na superfície de plantas, pedras e madeiras que ficam na água, de insetos aquáticos e de larvas de insetos, inclusive as do ***Aedes aegypti***, mosquito transmissor da dengue, zika e chikungunya. Por esse motivo, o lebiste está sendo introduzido para controlar a propagação desse mosquito. Mas essa medida não é efetiva.



Poecilia reticulata

Foto: Amy E. Deacon et al.
Tamanho: fêmeas 6 cm;
machos 2,8 cm (podendo chegar a 5 cm)

E não custa nada lembrar: a introdução de espécies exóticas, aquelas que não são encontradas originalmente em uma região, causa problemas em vários lugares do Brasil e do mundo.



Gymnotus carapo

Foto: Acervo Laboratório Ictiologia, UNESP/SJRP
Tamanho: 76 cm

Que conversa chocante!

A gente conversa por meio das palavras, os vaga-lumes pelo pisca-pisca, as formigas pelo cheiro e as tuviras, ***Gymnotus carapo***, por descargas elétricas. Esse peixe, do mesmo grupo da enguia-elétrica amazônica, emite pulsos elétricos (bem mais fracos que os da prima da Amazônia) para se localizar no ambiente e também para "conversar" com outros peixes. Esses pulsos elétricos são produzidos por células musculares modificadas. Cá entre nós, é como se fosse um superpoder, digno de heróis de quadrinhos! A tuvira também libera pequenos choques na água (imperceptíveis para seres humanos) e captura insetos, vermes, camarões e peixes para a refeição. Ela vive entre raízes submersas e outras plantas aquáticas.

Um peixe cuidadoso

Podemos dizer que a traíra, ***Hoplias malabaricus***, é um peixe tolerante. Ela é capaz de viver em locais bastante diversos: desde ambientes íntegros até áreas degradadas. É muito ativa durante a noite, quando se alimenta de outros peixes. Durante o dia fica mais tempo parada na vegetação do curso d'água.

A traíra tem um comportamento muito interessante: o macho constrói um ninho na beira da água onde os ovos são depositados. Por lá ele fica alguns dias, até mesmo depois de os ovos eclodirem, cuidando de seus filhotes. É o que os cientistas chamam de cuidado parental.



Hoplias malabaricus

Foto: Wikipédia
Tamanho: até 65 cm

Espécies de Peixes da Flona

NOME CIENTIFICO	NOME POPULAR
Aspidoras fuscoguttatus	pedrinha
Astyanax lacustris	lambari-do-rabo-amarelo
Astyanax bockmanni	lambari-do-rabo-vermelho
Astyanax sp.	lambari
Characidium fasciatum	charutinho
Cichlasoma paranaense	cará
Crenicichla britiskii	joaninha
Gymnotus carapo	tuvira
Hoplias malabaricus	traíra
Hypostomussp.	cascudo
Leporinus friderici	piau-três-pintas
Piabina argentea	piabinha
Pimelodellasp.	mandi
Poecilia reticulata	lebiste

Um lambari da tabela foi chamado de Astyanax sp. Os cientistas sabem que ele faz parte do grupo dos peixes Astyanax, mas não conseguiram determinar com exatidão qual é a espécie. E por que isso acontece? Basicamente por dois motivos: o indivíduo, seja planta, animal, fungo etc., ainda não é conhecido pela ciência ou é de difícil identificação (o que é o caso desse lambari). O trabalho de catalogação dos seres vivos é realizado por biólogos taxonomistas, especializados em identificar, organizar e descrever os seres vivos. A biodiversidade brasileira é tão grande que precisaremos de muitos cientistas para dar conta da tarefa de conhecer e classificá-la. Quem sabe você se interessa e um dia se torna um taxonomista?

OS ANFÍBIOS DA FLONA DE SILVÂNIA

Um passeio à tardinha na Flona é garantia de um coro musical: a sapaiada coloca o gogó para funcionar nos mais diferentes cantos. Melhor dizendo, são sapos, rãs e pererecas – os anfíbios anuros – que ficam na beira dos brejos e riachos, cantando, procurando alimento e se defendendo dos predadores.

No mundo já foram identificadas (até o momento da publicação deste livro) 7.638 espécies de anfíbios, das quais 1.080 ocorrem no Brasil. No Cerrado foram registradas 210 espécies de anfíbios e 34 delas ocorrem na Flona de Silvânia.

RÃ, SAPO OU PERERECA?



Se tem pele rugosa e áspera, com um par de glândulas de veneno atrás dos olhos (as glândulas parotoides) não tenha dúvida: é sapo.



Se a pele for mais lisa e úmida, as pernas longas, e tiver membranas entre os dedos, com certeza é uma rã.



Se a pele for lisa e úmida, os olhos esbugalhados e com discos adesivos nas pontas dos dedos (como ventosas) saiba que é uma perereca.

Uma pererequinha ameaçada



Allobates goianus

Foto: Rogério Pereira Bastos
Tamanho: 1,8 cm

A ***Allobates goianus*** é uma espécie muito rara, só encontrada em quatro locais de Goiás, sendo um deles a Flona de Silvânia. Ela está na lista brasileira de espécies ameaçadas de extinção e, mesmo na Flona, os cientistas já notaram que o número de indivíduos tem diminuído com o passar dos anos. É chamada de sapo-foguete-de-goiás, mas é mesmo uma perereca.

É uma pererequinha puro estilo, com manchas coloridas pelo corpo que são um charme! Durante o dia, fica ativa na serapilheira (as folhas e galhos que se acumulam no solo), nas matas próximas a riachos e poças.

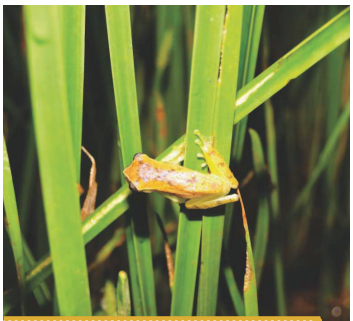
A perereca listrada



Boana goiana

Foto: Mariana Siqueira
Tamanho: até 3,7 cm

Endêmica do Cerrado, a perereca-de-pijama ***Boana goiana*** tem o corpo todo listradinho - parece vestida para dormir! É encontrada em matas de galeria e brejos. Para encontrar uma fêmea, os machos cantam no solo ou empoleirados na vegetação. O casal deposita os ovos, cerca de 200, numa massa gelatinosa diretamente na água.



Dendropsophus cruzi

Foto: Alessandro Morais
Tamanho: até 1,9 cm

Perereca típica de Silvânia

A ***Dendropsophus cruzi*** tornou-se conhecida no mundo da ciência somente no ano de 1998. O mais legal é que foi encontrada pela primeira vez na Flona de Silvânia. Os cientistas se depararam com ela e, depois de muito estudo, constataram que se tratava de uma espécie nova. Dessa forma, a Flona se tornou a localidade tipo, ou seja, o local onde foi encontrado o indivíduo a partir do qual a espécie foi descrita. É também uma espécie endêmica do Cerrado.

Os machos dessa perereca se juntam, à noite, em ramos de vegetação próximos da água e formam uma arena de exibição. No show dos cantos, a fêmea escolhe aquele com o qual acredita que terá filhotes mais vigorosos. Nas costas da ***Dendropsophus cruzi*** dá para ver, em muitos indivíduos, uma mancha em formato de X. Ela não é mutante como os X-Men, mas bem que a gente poderia chamá-la de X-Frog, não é?

Uma rã sem girino

O nome anfíbio quer dizer "vida dupla", porque a maioria vive na água, quando filhotes, e na terra ao se tornarem adultos. Mas isso é para a maioria e a rãzinha-do-capim, ***Ischnocnema penaxavantinho***, é uma exceção. Do ovo não nascem girinos, mas pequenas rãzinhas prontas para explorar o ambiente terrestre.

A rãzinha-do-capim vive em áreas abertas do Cerrado, pastos e veredas. Aliás, também é endêmica desse bioma e, em Goiás, até o momento só foi encontrada na Flona de Silvânia.



Ischnocnema penaxavantinho

Foto: Robson Avila
Tamanho: até 1,9 cm

Espécies de Anfíbios da Flona

* espécies endêmicas do Cerrado.

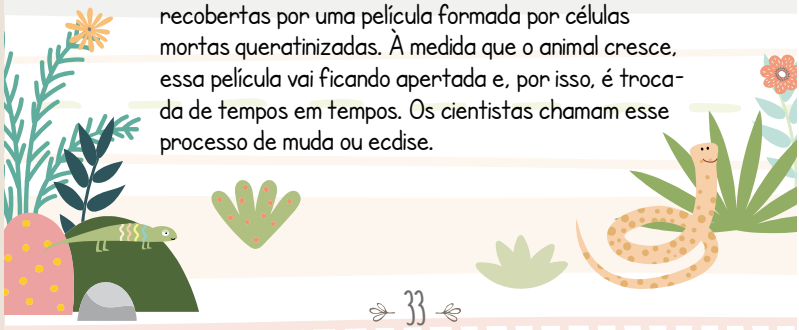
NOME CIENTIFICO	NOME POPULAR
Adenomera hylaedactyla	rãzinha
*Allobates goianus**	sapo-foguete-de-goiás
*Aplastodiscus lutzorum**	perereca-flautinha
*Barycholos ternetzi**	rãzinha-da-mata
Boana albopunctata	perereca-carneiro
*Boana goiana**	perereca-de-pijama
*Boana lundii**	perereca
*Bokermannohyla pseudopseudis**	perereca-das-cachoeiras
Chiasmocleis albopunctata	rãzinha-pintada
Dendropsophus cruzi	perereca
Dendropsophus minutus	pererequinha-do-brejo
Dendropsophus rubicundulus	perereca-do-brejo
Dendropsophus soaresi	perereca
Elachistocleis cesarii	rã-guardinha
*Ischnocnema penaxavantinho**	rãzinha-do-capim
Leptodactylus fuscus	rã-assobiadora
Leptodactylus labyrinthicus	rã-pimenta
Leptodactylus latrans	rã-manteiga
Odontophrynus cultripes	sapo-verruga
*Odontophrynus salvatori**	sapo-verrugoso
*Ololygon centralis**	pererequinha
Physalaemus albonotatus	rã-chorona
Physalaemus centralis	rã-fantasma
Physalaemus cuvieri	rã-cachorro
Physalaemus nattereri	rã-quatro-olhos
Pithecopus azureus	perereca-macaco
*Proceratophrys goyana**	sapo-verruga
Pseudis bolbodactyla	rã-d'água
*Rhinella rubescens**	sapo-cururu
Rhinella schneideri	sapo-cururu
Scinax fuscomarginatus	perereca
Scinax fuscovarius	perereca-de-banheiro
Scinax similis	perereca-de-banheiro

OS RÉPTEIS DA FLONA DE SILVÂNIA

Eles têm um jeito meio desengonçado de andar, mas foram os primeiros vertebrados a vencerem o desafio de viver no ambiente terrestre sem depender da água (lembre-se de que já havia anfíbios na terra, mas a maioria deles precisava da água para a reprodução). Com a pele recoberta por escamas ou placas e ovos com casca, os répteis conseguiram reduzir a perda de água do corpo, permitindo a reprodução fora do ambiente aquático.

Na Flona de Silvânia foram registrados 31 répteis do grupo dos escamados (que possuem o corpo recoberto por escamas), sendo 17 serpentes e 14 lagartos. No Cerrado já foram identificadas 166 espécies de serpentes e 87 de lagartos. Como podemos perceber, a Flona está ajudando a preservar mais de 10% das espécies de répteis escamados do Cerrado.

As escamas do corpo das serpentes e dos lagartos são recobertas por uma película formada por células mortas queratinizadas. À medida que o animal cresce, essa película vai ficando apertada e, por isso, é trocada de tempos em tempos. Os cientistas chamam esse processo de muda ou ecdise.





Polychrus acutirostris

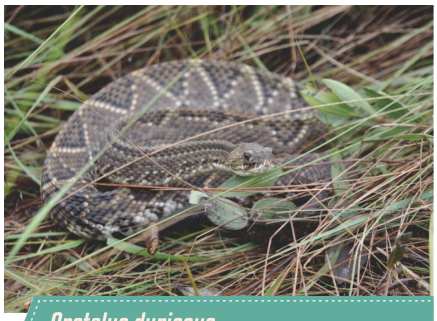
Foto: Luciana Signorelli
Tamanho: 15 cm

Um lagarto beeeem lento

Com o nome bicho-preguiça, não dá para esperar que o lagarto ***Polychrus acutirostris*** seja um campeão de agilidade. De movimentos lentos, passa a maior parte do dia parado, camuflando-se na vegetação. Mas ele guarda uma surpresa: quando se sente ameaçado pode mudar de cor e ficar escuro. Alimenta-se de insetos como grilos, gafanhotos e besouros e também de sementes.

Um chocalho de assustar

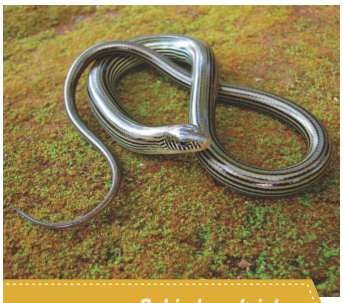
Ninguém quer dar de cara com uma serpente. Se ainda tiver um chocalho na ponta do rabo, cruzes! O medo de encontrar uma cascavel, ***Crotalus durissus***, é justificado, pois essa serpente peçonhenta tem um veneno letal. Durante o dia, a cascavel se abriga em rochas e buracos no solo. À noite, ela sai à caça de suas presas, principalmente os roedores e gambás.



Crotalus durissus

Foto: Luciana Signorelli
Tamanho: até 1 m

Dizem que cada anel do chocalho da cascavel representa um ano de vida. Mas isso não é verdade. O anel se forma em cada muda que ocorre mais de uma vez por ano. Além disso, os anéis se quebram com os anos, então, nada dizem sobre a idade da cascavel.



Ophiodes striatus

Foto: Luciana Signorelli
Tamanho: até 15 cm

Parece, mas não é

Com um jeitão de serpente, esse lagarto assusta muita gente. Mas a cobra-de-vidro, ***Ophiodes striatus***, é na verdade um lagarto ápode, ou seja, que não tem pés. Esse lagarto passa muito tempo enterrado no solo, mas pode ser encontrado nas folhas do chão, touceiras de capim ou troncos. Alimenta-se principalmente de larvas e ovos de insetos.

Quando ameaçado, utiliza uma estratégia para enganar: perde o rabo que fica balançando, distraindo o predador, enquanto foge para longe. Aliás, muitos lagartos têm esse comportamento de perder a cauda para salvar a pele.

Serpente multicolorida

A jiboia-arco-íris, ***Epicrates crassus***, recebe esse nome popular por um motivo: ao se movimentar, a pele reflete lindamente as cores do arco-íris.

Essa serpente não bota ovos como a maioria dos répteis. Os filhotes se desenvolvem na barriga da mãe, de onde saem cobrinhas preparadas para explorar o mundo. As refeições são compostas de lagartos, gambás, roedores e aves.



Epicrates crassus

Foto: Luciana Signorelli
Tamanho: até 2 m

Espécies de Répteis da Flona

* espécies endêmicas do Cerrado.

	NOME CIENTIFICO	NOME POPULAR
LAGARTOS	*Ameiva ameiva*	calango
	Anolis brasiliensis	papa-vento
	Cercosaura schreibersii	lagartixa-marrom
	Colobosaura modesta	lagarto
	Copeoglossum nigropunctatum	calango-cobra
	*Micrablepharus atticolus**	lagarto-de-cauda-azul
	Notomabuya frenata	briba
	Ophiodes striatus	cobra-de-vidro
	Polychrus acutirostris	bicho-preguiça
	*Salvator duseni**	teiu-amarelo
	Salvator merianae	teiu-preto-e-branco
	*Stenocercus sinesaccus**	pequeno-dragão
	*Tropidurus itambere**	calango
	Tropidurus torquatus	calango
SERPENTES	*Apostolepis assimilis**	falsa-coral
	Boa constrictor	jiboia
	Bothrops moojeni	jararaca-rabo-de-osso
	Bothrops pauloensis	jararaca
	Chironius flavolineatus	cobra-cipó
	Crotalus durissus	cascavel
	Epicrates crassus	jiboia-arco-íris
	Erythrolamprus reginae	cobra-do-capim
	Helicops modestus	cobra-d'água
	Imantodes cenchoa	cobra-cipó
	Liotyphlops sp.	cobra-cega
	Oxyrhopus guibei	falsa-coral
	Oxyrhopus trigeminus	falsa-coral
	Phimophis guerini	nariguda
	Spilotes pullatus	caninana
	Tantilla melanocephala	cobra-da-terra
	Thamnodynastes strigatus	corredeira-lisa
	Xenodon merremii	boipeva

AS AVES DA FLONA DE SILVÂNIA

Quantos tipos de aves você conhece? Gaste um tempinho tentando se lembrar. É bem provável que os dedos de suas mãos sejam insuficientes. E isso tem um motivo: você mora em um país campeão em espécies de aves! No Brasil já foram registradas 1.919 espécies de aves. Dessas, 837 ocorrem no Cerrado, sendo 147 encontradas na Flona de Silvânia. Veja só: a Flona, que possui uma área pequena comparada a outras unidades de conservação, é a casa de 17% das aves do Cerrado. Isso é muito! Fica demonstrado, mais uma vez, como a Flona é importante para a manutenção da biodiversidade do nosso bioma.

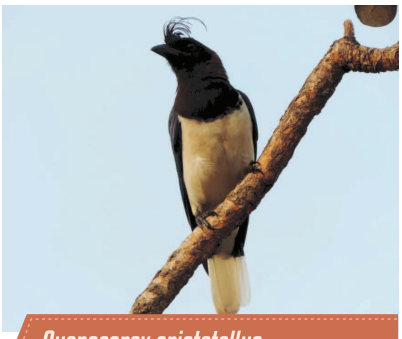
Você sabia que todo passarinho é uma ave, mas nem toda ave é passarinho? Os pássaros são as aves pertencentes ao grupo Passeriformes. São aves canoras que emitem cantos melodiosos. Tiziu, bem-te-vi, curió, tico-tico, sabiá-laranjeira, canário-da-terra-verdadeiro são passarinhos. Periquitos, emas, corujas e gaviões não são passarinhos.

Para saber mais

Você pode aprender mais sobre as aves brasileiras, inclusive as da Flona, no site Wiki Aves (www.wikiaves.com.br). Há belas fotos, informações sobre as aves e até os cantos. Não deixe de conferir.

Uma gralha barulhenta

A gralha do campo, ***Cyanocorax cristatellus***, é uma ave endêmica do Cerrado. Os bandos, formados de quatro a oito indivíduos, fazem um barulhão! Tem uma plumagem no topo da cabeça que forma um topete charmoso. Alimenta-se de frutos, insetos, sementes e ovos de outras espécies de aves. Várias fêmeas podem usar o mesmo ninho protegido por vários indivíduos do bando.



Cyanocorax cristatellus

Foto: Ricardo Ribeiro da Silva
Tamanho: 35 cm



Heterospizias meridionalis

Foto: Ricardo Ribeiro da Silva
Tamanho: 55 cm

Sempre alerta

O gavião-caboclo, ***Heterospizias meridionalis***, também conhecido como gavião-fumaça, tem o hábito de pousar em cupinzeiros, árvores e estacas para monitorar atentamente o ambiente. Assim que avista a presa dá um bote certeiro. Alimenta-se de pequenos mamíferos, cobras, lagartos, anfíbios e grandes insetos.

Onde há fumaça, há fogo, diz o ditado. E há também o gavião-fumaça. Ele tem o curioso comportamento de seguir uma queimada. Enquanto os animais fogem ele aproveita para garantir a refeição.

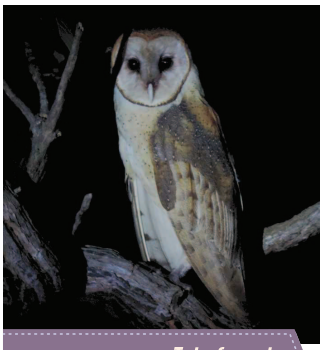
Atenção, sentido!

Com uma postura imponente e plumagem vermelha na cabeça, o ***Antilophia galeata*** parece mesmo um militar de quepe, tanto que é popularmente chamado de soldadinho. É um passarinho endêmico do Cerrado e vive em áreas florestais perto de córregos e rios. Alimenta-se principalmente de frutos, mas também caça pequenos insetos. A fêmea e o macho jovem têm plumagem de cor verde. Um macho precisa de três anos para adquirir as penas pretas e vermelhas.



Antilophia galeata

Foto: Ricardo Ribeiro da Silva
Tamanho: 14 cm



Tyto furcata

Foto: Ricardo Ribeiro da Silva
Tamanho: 36 cm

Ativa no controle de pragas

A coruja-da-igreja, ***Tyto furcata***, é encontrada nos campos, florestas e cidades. Nas áreas urbanas, costuma fazer os ninhos em torres de igreja ou galpões. Exímia caçadora, essa coruja se alimenta de insetos, anfíbios, répteis, aves, morcegos e roedores. Ela presta um grande serviço às pessoas, pois caça ratos nas imediações das casas. De ampla distribuição, é encontrada do sul do Canadá ao sul da Argentina. Emite um grito áspero e agudo que as pessoas dizem trazer morte. Mas isso não é verdade! Essa coruja não é capaz de adivinhar nada e utiliza seu grito durante o voo para defender o território.

Espécies de Aves da Flona

* espécies endêmicas do Cerrado.

NOME CIENTIFICO	NOME POPULAR
Amazona aestiva	papagaio-verdadeiro
*Antilophia galeata**	soldadinho
Athene cunicularia	coruja-buraqueira
Brotogeris chiriri	periquito-de-encontro-amarelo
Bubulcus ibis	garça-vaqueira
Cacicus cela	xexéu
Caracara plancus	caracará
Cariama cristata	seriema
Chloroceryle amazona	martim-pescador-verde
Colaptes campestres	pica-pau-do-campo
Columbina squammata	fogo-apagou
Columbina talpacoti	rolinha-roxa
Crotophaga ani	anu-preto
Crypturellus undulatus	jaó
*Cyanocorax cristatellus**	gralha-do-campo
Dryocopus lineatus	pica-pau-de-banda-branca
Eupetomena macroura	beija-flor-tesoura
Eupsittula aurea	periquito-rei
Forpus xanthopterygius	tuim
Galbula ruficauda	ariramba-de-cauda-ruiva
Guira-guira	anu-branco
Heterospizias meridionalis	gavião-caboclo
Momotus momota	udu-de-coroa-azul
Monasa nigrifrons	chora-chuva-preto
Penelope superciliaris	jacupemba
Ramphastos toco	tucanuçu
Rhea americana	ema
Rhynchotus rufescens	perdiz
Rupornis magnirostris	gavião-carijó
Sarcoramphus papa	urubu-rei
Sicalis flaveola	canário-da-terra-verdadeiro
Theristicus caudatus	curicaca
Tyto furcata	coruja-da-igreja
Vanellus chilensis	quero-quero
Volatinia jacarina	tiziu

OS MAMÍFEROS DA FLONA DE SILVÂNIA



Se um filhote de anta falasse a nossa língua com certeza diria: "Mamãe, eu quero mamar!" Assim como os filhotes de tatu, gambá, morcego, mico e nós, humanos, ele é um mamífero. Os mamíferos são animais que têm o corpo recoberto de pelos e mamam o leite materno quando são filhotes.

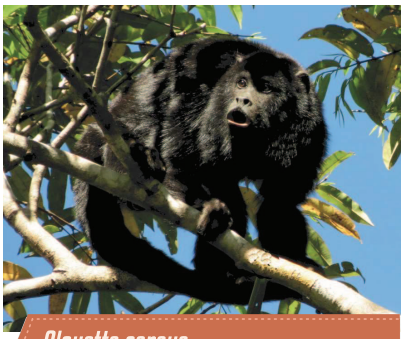
O Brasil é campeão em número de espécies de mamíferos. Em nossas terras já foram identificadas 701 espécies e, dessas, 251 ocorrem no Cerrado, sendo 32 endêmicas. O problema é que muitas espécies de mamíferos brasileiros estão ameaçadas de extinção e 17 delas estão no Cerrado.

A Flona de Silvânia é a casa de 34 espécies de mamíferos, sendo que três delas estão ameaçadas de extinção: o tamanduá-bandeira, *Myrmecophaga tridactyla*, o gato-do-mato, *Leopardus tigrinus*, e o lobo-guará, *Chrysocyon brachyurus*.



Um macaco-gritador

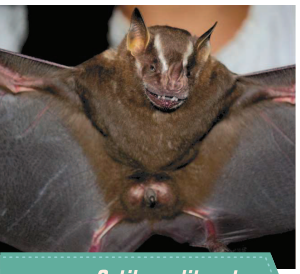
Se numa visita à Flona você escutar um grrrrrôôôôôôô muito, muito alto mesmo não se assuste: são macacos guaribas, da espécie ***Alouatta caraya***, vocalizando. Também conhecidos como bugios ou barbados, formam bandos com um macho dominante, várias fêmeas e os filhotes. As vocalizações ocorrem principalmente quando um bando avista outro, e podem ser escutadas a 5 km de distância!



Alouatta caraya

Foto: Raony Alencar
Tamanho: até 1m

Os machos têm coloração preta enquanto as fêmeas e os filhotes são marrons-claros. Comem principalmente folhas e frutas. Com a cauda superforte, penduraram-se em galhos e sustentam todo o peso do corpo, que pode chegar a 9 kg.



Artibeus lituratus

Foto: Poliana Mendes
Tamanho da cabeça ao pé: 9 cm

O comedor de frutas

Como todo morcego, o ***Artibeus lituratus*** tem mãos modificadas em membranas que conectam os longos dedos, formando as asas. É marrom com listras brancas na cabeça. Logo depois de nascer, o filhote se agarra ao corpo da mãe e fica mamando, mesmo enquanto a mãe está voando, até ser capaz de voar e conseguir alimento sozinho.

O nome popular morcego-das-frutas nos dá uma dica de sua dieta: come principalmente frutos e os preferidos são os da embaúba e figos. São verdadeiros jardineiros. Por onde voam defecam as sementes inteiras que podem germinar e originar outras plantas. Passam grande parte do dia abrigados nas copas das árvores e podem construir, dobrando folhas, uma cabaninha para proteção.



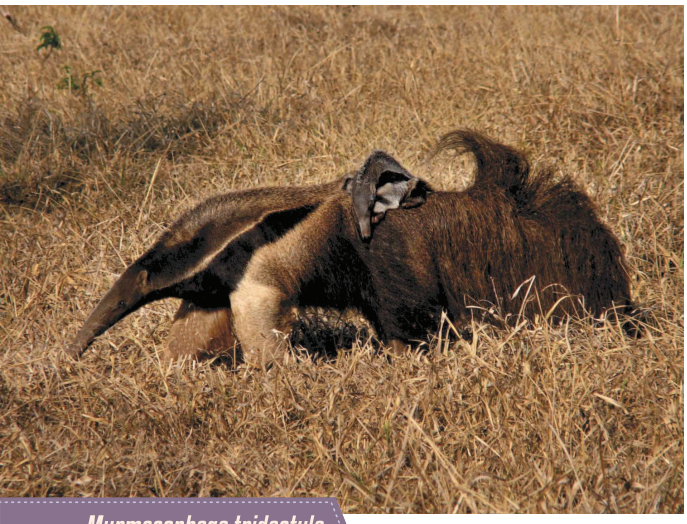
Chrysocyon brachyurus

Foto: Diego Afonso Silva
Tamanho: até 1,20 m

O lobo brasileiro, só que não

De pelo laranja, pernas pretas e longas, orelhas grandes, crina preta e ponta da cauda branca, o lobo-guará, ***Chrysocyon brachyurus***, é um animal peculiar. Solitário, só se encontra com outros de sua espécie em períodos reprodutivos. Alimenta-se de ratos, tatus, aves, lagartos, insetos e mais de 100 tipos de frutos, incluindo a fruta-do-lobo.

É o maior canídeo (grupo que inclui cães, raposas e lobos) da América do Sul. Nós nos acostumamos a chamá-lo de lobo, mas os cientistas descobriram que ele é mais aparentado com as raposas do que com os lobos norte-americanos. Raposa-perna-de-pau seria um nome bem adequado para ele porque, convenhamos, o lobo-guará é bem pernudo.



Myrmecophaga tridactyla

Foto: Diego Afonso Silva
Tamanho: até 2 m

O comedor de formiga

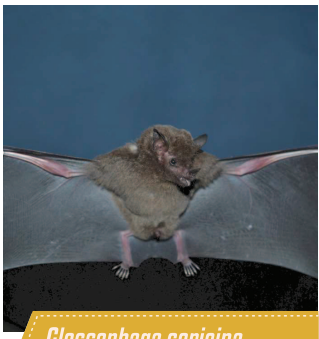
O tamanduá-bandeira, ***Myrmecophaga tridactyla***, é capaz de enfiar sua língua longa e pegajosa dentro do formigueiro e garantir uma refeição. Um único indivíduo pode comer mais de 30.000 formigas em um único dia! Além das formigas, esses animais se alimentam de cupins, tanto que é comum encontrar cupinzeiros destruídos por suas fortes garras.

Possuem cauda longa com pelos compridos que pode ser usada como um cobertor quando o animal dorme. De andar lento, não enxergam e não escutam muito bem, o que os torna vítimas frequentes de atropelamentos nas estradas. Então, para que não haja nenhum acidente que coloque em risco a vida das pessoas e dos animais, vale a regrinha para os motoristas: atenção total ao dirigir.

O morcego do pequi

O ***Glossophaga soricina*** é um morcego que se alimenta do néctar das flores, daí seu nome popular morcego-beija-flor. Há outra semelhança: ele consegue parar no ar enquanto se alimenta, fazendo um movimento em forma de oito com as asas. É um dos polinizadores das flores do pequizeiro.

Esses morcegos são pequenininhos e pesam cerca de 10 gramas (como uma caneta). De dia ficam escondidos em abrigos, tais como: cavernas, ocos de árvores, pontes, galpões ou casas abandonadas. Formam colônias de até 1.000 indivíduos e as fêmeas fazem uma maternidade coletiva. Elas se revezam nos cuidados com os filhotes quando já não estão mais carregando os filhotes durante o voo. É o morcego mais abundante na Flona de Silvânia.



Glossophaga soricina

Foto: Poliana Mendes
Tamanho da cabeça ao pé: 5,5 cm



Puma concolor

Foto: armadilha fotográfica
Tamanho: até 1,7m

Um felino de muitos nomes

A suçuarana, ***Puma concolor***, é encontrada em praticamente toda a América, do Canadá à Patagônia. Essa ampla distribuição justifica os mais de 40 nomes populares que recebeu, como: onça-parda, leão-baio, puma, cougar, onça-vermelha, leão-da-montanha, mossoroca. São tantas as denominações que a suçuarana foi parar no ***Guinnes Book***, o livro dos recordes, como o animal com mais nomes populares do mundo.

Segundo maior felino das Américas (só perde para a onça-pintada), pesa cerca de 80 kg. Não tem a capacidade de esturrar, mas rosna e mia. Carnívora, após abater uma presa grande, costuma arrastá-la para um local escondido e cobri-la com folhas. Assim, quando a barriga esvaziar, volta ao esconderijo para continuar a refeição.

Espécies de Mamíferos da Flona

NOME CIENTIFICO	NOME POPULAR
Artibeus cinereus	morcego
Cabassous unicinctus	tatu-de-rabo-mole
Callithrix penicillata	mico-estrela
Chironectes minimus	cuíca-d'água
Mimon bennettii	morcego
Platyrrhinus helleri	morcego
Alouatta caraya	guariba
Anoura caudifer	morcego-beija-flor
Artibeus lituratus	morcego-das-frutas
Carollia perspicillata	morcego
Sapajus libidinosus	macaco-prego
Cerdocyon thous	cachorro-do-mato
Chrysocyon brachyurus	lobo-guará
Coendou prehensilis	ouriço-cacheiro
Conepatus semistriatus	jaratataca
Dasypus novemcinctus	tatu-galinha
Desmodus rotundus	morcego-vampiro
Didelphis albiventris	gambá
Eira Barbara	irara
Euphractus sexcinctus	tatu-peludo
Glossophaga soricina	morcego-beija-flor
Leopardus tigrinus	gato-do-mato
Mazama americana	veado-mateiro
Mazama gouazoubira	veado-catingueiro
Myotis nigricans	morcego
Myrmecophaga tridactyla	tamanduá-bandeira
Nasua nasua	quati
Platyrrhinus lineatus	morcego
Procyon cancrivorus	mão-pelada
Puma concolor	onça-parda
Puma yagouaroundi	gato-mourisco
Sturnira lilium	morcego
Sylvilagus brasiliensis	tapiti
Tamandua tetradactyla	tamanduá-mirim

PROTEGENDO A BIODIVERSIDADE PROTEGENDO A VIDA

Não há dúvidas de que a nossa floresta encantadora, a Flona de Silvânia, protege a biodiversidade brasileira. Basta lembrar que 17% dos anfíbios, 10% dos répteis e 18% das aves encontrados no bioma Cerrado foram registrados na Flona, e isto é muito! Além do mais, ela é um refúgio seguro para animais, inclusive os ameaçados de extinção.

Graças à parceria da Flona com universidades, a biodiversidade brasileira ficou mais conhecida. Vale destacar também o papel educativo da Flona, que permitiu a formação dos jovens pesquisadores e encantou muitas crianças e adultos que tiveram a oportunidade de aprender mais sobre a natureza.

A Flona é uma ilha de vegetação nativa do Cerrado, mas não pode ser uma ilha inacessível para as pessoas. É importante que a população conheça e ajude a protegê-la. Felizmente isto já vem ocorrendo. O Conselho Consultivo da Flona de Silvânia é formado por diversas pessoas, incluindo moradores da região. Eles escutam e debatem diferentes ideias para que a Flona continue exercendo o seu papel na conservação da biodiversidade, na pesquisa científica e na educação ambiental.

O nosso passeio está chegando ao fim. Esperamos que você tenha gostado da nossa companhia. Ah... gostaríamos muito que você nos ajudasse a tornar a Flona mais conhecida. Para isso, empreste seu livro a outras pessoas e conte o que você aprendeu. E se você se animar a fazer um passeio na Flona, seja com sua família ou com a escola, lembre-se de tomar alguns cuidados: vestir roupa confortável, levar água e, principalmente, se encantar com uma das nossas maiores riquezas, a biodiversidade brasileira. Chega mais pertinho pra podermos te contar um segredo: quanto mais a gente aprende, mais o mundo se torna encantador!





Fotos: Acervo Flona de Silvânia

Nesta foto está a equipe da Flona (da esquerda para a direita): Maria Luz Lobo, Renato Cézar de Miranda, José Vieira de Sousa, João Evangelista Sodré, Raimundo Carvalho Gusmão,Gaspar Lourenço da Silva, Carlos Antônio de Sousa.

Por meio do trabalho dessas pessoas a Flona de Silvânia consegue atingir a missão de conservar espécies, promover pesquisa científica e educação ambiental. Um viva para eles! Um viva para a Flona de Silvânia!

Para conhecer mais

Se bateu vontade de conhecer a Flona de Silvânia mais de pertinho ainda, basta agendar uma visita pelo telefone: (61) 2028-9975 ou email flonasilvania.ga@icmbio.gov.br

AUTORES



A professora Flávia Pereira Lima é apaixonada pelo Cerrado. Adora escrever livros sobre a incrível biodiversidade desse bioma. É professora no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás e doutoranda em Recursos Naturais do Cerrado na Universidade Estadual de Goiás. Sua pesquisa de doutorado é, justamente, na região da Flona de Silvânia. Assim, teve a oportunidade de conversar com muita gente bacana da região preocupada em conservar a natureza. Nesta foto está com o Paulo e o Otávio, seus companheiros de aventura.

Apaixonado por animais desde criança, Paulo Ribeiro descobriu sua profissão ao assistir, em 1994, um Globo Repórter e ouvir pela primeira vez a palavra "biólogo". Hoje, estuda e trabalha com mamíferos silvestres, tem como principal paixão ver animais em vida livre e espera que, antes que isso não seja mais possível, as pessoas entendam a verdadeira importância de conservar nossa principal casa: a natureza.





Luciana Signorelli, mineira de Campina Verde, formada em Biologia pela Universidade Federal de Goiás, é mestre e doutora em Ecologia e Evolução pela mesma instituição e pós-doutora em Ecologia da Paisagem e Conservação pela Universidade do Estado do Kansas (Estados Unidos). O respeito, o encanto e a admiração pela natureza surgiram ainda na infância e, graças ao apoio incondicional de sua família, pôde realizar o sonho de ser pesquisadora. A busca pelo conhecimento e o desejo de preservar o Cerrado, uma das regiões mais ameaçadas do planeta, persistem. Por isso, Luciana encara o segundo pós- doutorado, agora em sua instituição de origem.

Poliana Mendes é uma capixaba que morou parte da infância e da vida adulta no Cerrado goiano. É bacharel e licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Espírito Santo e mestre e doutora em Ecologia e Evolução pela Universidade Federal de Goiás. Adora estar em contato com a natureza, seja no Cerrado ou na Mata Atlântica, durante o trabalho ou nas horas vagas. Não tem medo de passar horas à noite na mata pesquisando a vida dos morceguinhos.





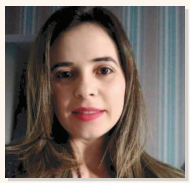
Alessandro Ribeiro de Morais é biólogo, mestre e doutor em Ecologia e Evolução pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente, é professor do Instituto Federal Goiano, câmpus Rio Verde, e orienta, em nível de mestrado, nos Programas de Pós-Graduação em Biodiversidade Animal e Biodiversidade e Conservação. Possui experiência na área de Herpetologia, atuando nos seguintes temas: bioacústica, história natural, ecologia comportamental, ecologia de comunidades e conservação de anfíbios anuros.

Ricardo Ribeiro da Silva é mestrando em Ecologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e ilustrador científico. Faz parte do Laboratório de Ecologia e Zoologia de Vertebrados da UFPA e possui experiência em Ecologia, Zoologia e Ilustração Científica. Atua na área de Ornitologia e Ecologia Teórica. É grande admirador das aves!





Mariana Nascimento Siqueira é bióloga, doutora em Ciências Ambientais pela Universidade Federal de Goiás. Trabalha com fitossociologia, inventários florestais e análise de paisagem. É professora da Universidade de Rio Verde e leciona botânica, gestão ambiental e demais formas de ocupação sustentável dos espaços urbanos e rurais. É apaixonada por paisagens naturais e preservadas!



Andrelisa Santos de Jesus é professora no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás. Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás, mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás e doutorado em Geotecnia pela Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Geografia, atuando principalmente, com análise da paisagem e erosão linear sob a perspectiva da multidisciplinaridade. Também se dedica ao estudo geotécnico e pedológico dos solos tropicais e ao estudo da percepção de solos e técnicas e práticas didático-pedagógicas de ensino de Geografia Física e Ciência do Solo.

Renato Cézar de Miranda é historiador e biólogo, com especialização em Educação Ambiental. Ingressou no serviço público no ano de 2003, no IBAMA, com lotação na Floresta Nacional Contendas do Sincorá (BA). Em 2007, foi redistribuído para o ICMBio e lotado na Floresta Nacional de Silvânia, onde atua profissionalmente desde então.





O professor Rogério Pereira Bastos é natural de Carangola, localizada na Zona da Mata de Minas Gerais. É licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Espírito Santo e mestre e doutor em Zoologia pela Universidade Estadual Paulista. Desde 1995 reside em Goiânia e trabalha na Universidade Federal de Goiás. Com a Daniela e duas goianinhas, Isadora e Manuela, formou uma bela família. Realiza pesquisas envolvendo biologia, conservação, ecologia e taxonomia de anfíbios anuros, tais como: vocalizações, predação, territorialidade, reprodução e padrões de diversidade.

Thiago Bernardi Vieira é biólogo, nascido em Vitória, no Espírito Santo. Graduado na Universidade Federal do Espírito Santo, fez mestrado e doutorado em Ecologia e Evolução na Universidade Federal de Goiás. É professor, desde 2015, na Universidade Federal do Pará, campus Altamira. Realiza pesquisas em ecologia e conservação de comunidades de peixes e de morcegos e também gosta muito de fotografar a natureza!



Apoio













Realização











